



*"Opiniões contraditórias não são por acaso"*

## Para o sociólogo Fernando Correia Dias, Brasília é cidade aberta, sem tradições rígidas

• Não é por acaso que ocorrem tantas e tão contraditórias opiniões sobre Brasília - diz o sociólogo Fernando Correia Dias, professor de Sociologia Urbana do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília ao comentar a frequência com que se debate a realidade brasiliense.

Na sua opinião, esse questionamento se deve ao fato de que em Brasília surgiu um novo estilo de vida urbana, totalmente diverso do existente em outros centros:

“É uma cidade aberta, sem tradições rígidas, dotadas de um controle social relativamente flexível. Constitui ainda um amálgama social dos mais diversos contingentes demográficos, vindos de regiões culturais variadas e que aqui se adaptam ao estilo de vida brasiliense. São pessoas em geral com alguma experiência urbana, mas que possivelmente sofreram o impacto de um meio técnico sofisticado, definido pelo planejamento urbano moderno que aqui se implantou.”

• A experiência mostra que pontos positivos?

Respondendo a esta pergunta o professor Fernando diz que em primeiro lugar, o planejamento assegurou certas vantagens notórias: a falta de poluição e os espaços verdes intocáveis, “que possuem significados simultaneamente estéticos e urbanísticos”.

Outro aspecto relevante segundo ele, é o estilo de sociabilidade que decorre da peculiar composição social do brasiliense. “Por um lado, a cidade, socialmente aberta, propicia condições de construção e reconstrução dos planos de vida - dos pontos de vista familiar, religioso e profissional - a algumas camadas da população. Por outro, o contato com grupos de pessoas tão heterogêneas (especialmente pela procedência) possibilita a cada pessoa uma visão integrada da realidade brasileira, até mesmo facilitando a transferência de lealdades estreitamente localistas ou provincianas para o plano da própria Nação em desenvolvimento”.

A mulher, em Brasília, tem um papel relevante - diz o professor Fernando - o que ocorre não apenas pelas oportunidades educacionais que na Capital são acessíveis a quase todos, mas também pela maior gama de chances, para o trabalho. “As mulheres - diz - participam

mais da produção, adquirem maior teor de autonomia pessoal, até mesmo partilhando a autoridade masculina no âmbito da família.”

Quanto aos adolescentes - vindos de outros pontos do País - eles se sentem bem no Distrito Federal, diz o sociólogo, ao afirmar que o sentimento de amplitude de horizontes, a partir da paisagem geográfica, certamente não constitui dimensão psicológica assinalável.

Mas a cidade - diz Fernando - tem os seus aspectos negativos. “Todos têm alguma noção ou experiência concreta deles, que apareçam ou não em forma de problemas sociais, tais como a mendicância, menores abandonados, dificuldades de moradia e outros”. Entretanto, é de opinião que tais problemas devem ser visto como sintomas de outros aspectos mais profundos e sérios, tais como o da desqualificação da mão-de-obra, o pauperismo das populações imigradas, a carência de empregos e a especulação imobiliária.

Fernando vê como uma das necessidades de Brasília a conclusão da urbanização da Ceilândia, local que para ele representa uma experiência relativamente bem sucedida de desfavelamento e onde, positivamente, não houve descontinuidade na forma de morar, “ao contrário do que ocorre com os conjuntos habitacionais convencionais”.

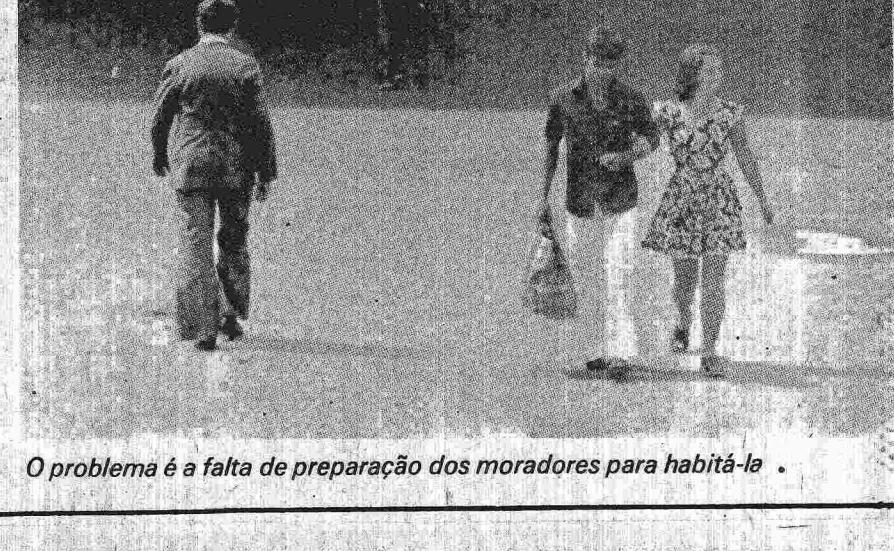
“No plano dos lazeres da população, há muito o que fazer”. Esta é outra necessidade brasiliense, apontada pelo sociólogo, no sentido de se criarem condições comunitárias mínimas para a ocupação do tempo livre em atividades atraentes e gratificantes do ponto de vista da reposição da força do trabalho, do divertimento ou da realização cultural.

Finalizando, Fernando se questiona sobre o que parece ser o problema chave, sob o ângulo sócio-econômico: uma criteriosa redefinição das funções de Brasília, que ao invés de definir mais claramente, faz as seguintes perguntas:

• Continuará a ser um centro administrativo apenas?

• Em que medida constituirá um ponto avançado no povoamento e na ocupação dos grandes vazios demográficos da Amazônia e do Centro-Oeste?

• Será também um polo industrial?



*O problema é a falta de preparação dos moradores para habita-la.*



Não há receitas, Brasília é cidade especial



Luis Humberto: "muito cacique e pouco índio"

**"Qualquer solução é válida, desde que se use a inteligência"**

Luis Humberto Martins Pereira nasceu no Rio e vive em Brasília há 13 anos. Tem 39, é arquiteto e fotógrafo da revista Veja.

Sobre a atualização do Plano Piloto, Luis Humberto vê a necessidade de partirem para a localização de problemas reais e não fictícios, como até então o problema tem sido colocado. Segundo ele, qualquer solução pode ser válida, "desde que o uso da inteligência possa ser feito largamente, o que não aconteceu no Governo passado". Não há receitas, porque Brasília é uma cidade especial, não convencional".

Como arquiteto, Luis Humberto acha que para melhorar-se o nível estético dos edifícios, o problema é de maior amplitude, já que considera a arquitetura de Brasília refletindo o nível do

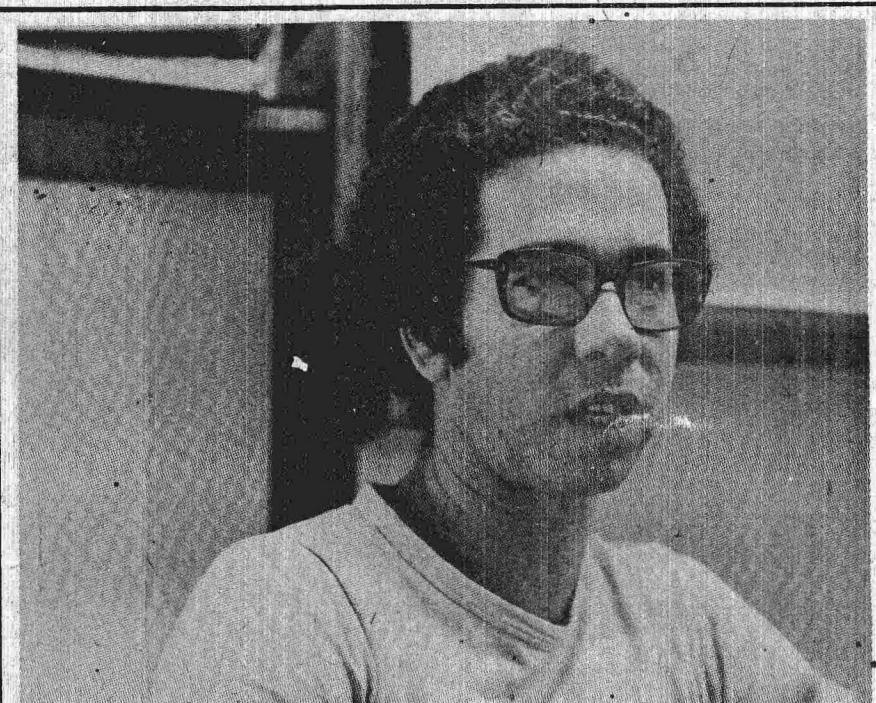
brasileiro médio, reflexo de um estágio atual do processo cultural brasileiro. "Encontramos lacunas na formação de clientes e profissionais. Então para melhorar o nível estético só melhorando o Brasil, com o tempo". Os edifícios residenciais da Asa Norte e os JK foram maus destinados, porque reservavam-se tanto a famílias menores como às de poucos recursos. Acabaram sendo ocupados por famílias numerosas, exemplo bem marcado de um uso de equipamentos que se destinava a preencher outro fim. "Infelizmente a experiência de Brasília como cidade realizou-se para atender o programa de cidade oficial. Explicando-me melhor: muito cacique e pouca gente. Muita gente mandando e pouca gente entendendo que Brasília visava sobretudo a uma vida mais qualificada".



"Em Brasília, não há os chamados espaços comunitários"



"A linearidade e o esteticismo provocam o vazio"



Frederico Holland: "situação poderia ser melhor"

**Para Holland, Taguatinga é mais acolhedora, porque tem pelo menos uma praça**

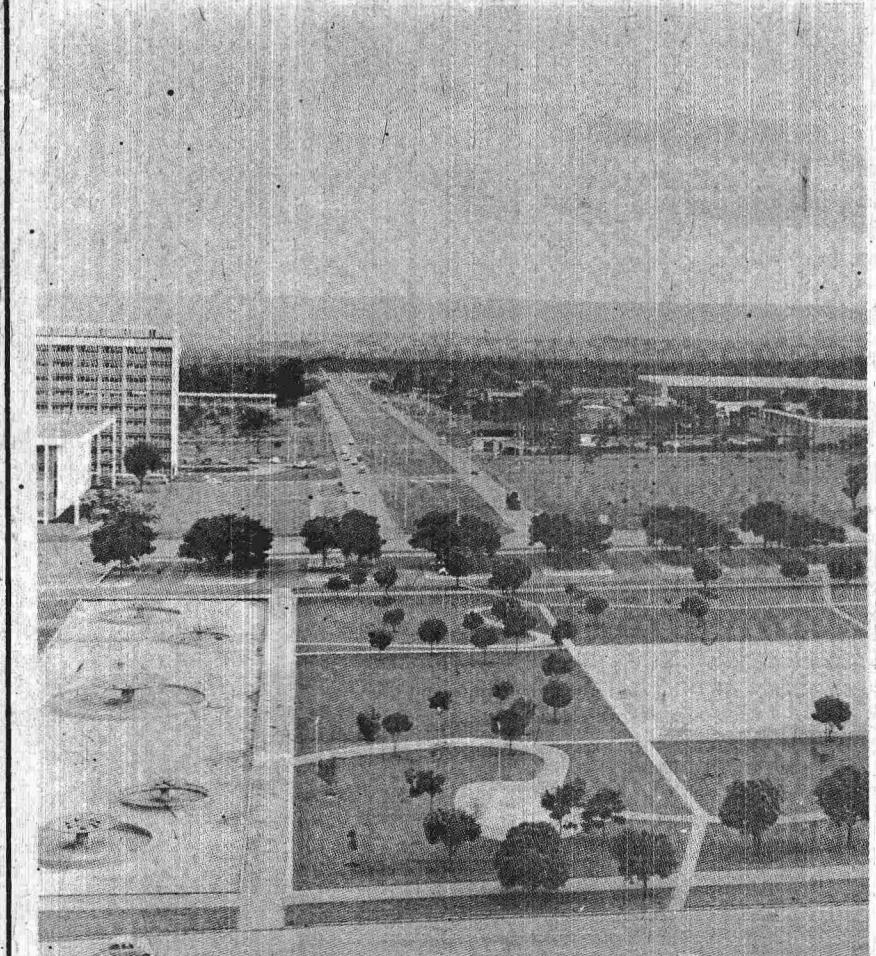
Frederico Holland, carioca, arquiteto e urbanista, com dois anos de residência em Brasília, veio para cá a convite da UNB para ensinar no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, do qual atualmente é diretor. Holland foi bastante elogiativo e objetivo ao dizer que "Brasília corresponde à concretização de uma série de leis urbanísticas que vem sendo discutidas teoricamente desde 1930, quando Le Corbusier lançou as 'Cartas de Atenas sobre a Arquitetura e o Urbanismo', e que no decorrer destes 13 anos, foi posta à prova a validade dessas leis teóricas que com isto tornaram-se passíveis de contestação ou enriquecimento".

Seguiu Holland, ressaltando que enquanto as outras cidades têm a marca do uso, ou seja, uma participaçãoativa da própria população da cidade, aqui, essa tradição urbanística e histórica não existiu. É forçoso ter que se admitir a não participação dos habitantes de Brasília em sua afirmação como cidade. O ideal seria que toda a população brasiliense tomasse consciência de sua função vital para o desenvolvimento, função de caráter ativo distante da reclusão e distanciamentos humanos que se verificam na rigidez matemática e simétrica das quadras de apartamentos e casas da W-3".

"Seria aconselhável que as autoridades oficiais fizessem um estudo de opinião pública através de questionários ou de outros meios, para que a população se expressasse publicamente a fim de que com base na opinião dos que fazem de Brasília a capital como ela é, fossem tomadas medidas mais condizentes com as reais necessidades da população".

Quanto às insinuações de que é a própria arquitetura da cidade que faz com que seus habitantes tornem-se restritos a seus apartamentos dando à cidade uma atmosfera monótona e fria, o professor Holland assegurou que "de forma nenhuma a responsabilidade pela apatia da cidade deve-se ao traçado urbanístico. Pelo contrário, deve-se sim, à má utilização dos espaços em relação à população, e é com o controle da mesma, pois a especulação imobiliária faz com que somente determinada faixa da população - classe média alta - habite essa área". "Em Brasília" - continuou - "não há os chamados espaços de uso comunitário que permitem atração através de sua disposição e funcionamento o contato maior entre as pessoas. Nesse ponto as cidades satélites são bem mais acolhedoras, e um exemplo é Taguatinga onde há 'pelo menos uma praça onde as pessoas se reúnem e se encontram'".

O habitante de Brasília vê-se, então, diante de um problema cuja variável social está ríete próprio. É a não utilização dos poucos espaços de uso comum, como praças, lados, setores de diversões, que faz com que o isolamento do brasiliense cresça a cada dia que passa e se restrinja ao mutismo geométrico dos blocos de apartamentos.



Aqui a tradição urbanística nunca existiu